

O COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTOR—D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

PREÇO DA ASSIGNATURA

12 mezes, com estampilha 2\$400—12 mezes, sem estampilha 1\$800—Brazil, 12 mezes, moeda forte 4\$200—Avulso 20 rs.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS

PUBLICAÇÕES

Correspondencias partic. cada linha 40—Anuncios cada linha 20—Repetição 10 rs.—Assignantes, 20 p. c. d'abatimento

BRAGA—1 DE ABRIL

Dois legisladores modelo.

Publicou quasi toda a imprensa uma coisa a que deram o nome de actas de um duello, entre um par do reino e um deputado.

Esta publicidade que apenas despertou o espirito publico pelo escandaloso que revelára, parece que deveria ser o bastante para que um crime de tal ordem e por taes criminosos não transitasse em julgado sem que sobre elle recaisse a acção das leis.

Pois não aconteceu assim, que nos conste até hoje.

O par lá continúa occupando a sua cadeira na camara alta, ufano de si, como se houvesse alevantado o seu nome por uma grande virtude civica, em quanto que o deputado procura curar-se das espadeiradas que apanhou, para em seguida voltar ao meio dos seus collegas deputados a pedir talvez o cumprimento das leis que elle mesmo violou.

Que dois legisladores!

Não fazemos distincções, porque ambos são culpados n'um crime que o código penal castiga.

O nosso fim unico é protestar contra essa relaxação immensa que, apoderando-se das leis, como dos costumes, nos vae arrastando a passos largos para o abysmo de uma anarchia sem limites.

Se o duello é um crime, os duellistas, sejam elles quem forem, devem ser castigados.

Não vae ainda ha muitos annos, que a pretexto de duello se perpetrou um verdadeiro assassinato.

Os poderes publicos curvaram a cabeça ante o crime, que passou triumphante; mas a moralidade e a justiça soffreram com isso um profundo golpe, que se assignalou por um maior desprezo das leis, no espirito das multidões.

Agora repetiu-se o caso, que apesar de resultados differentes, não deixou de assumir a gravidade de um crime, con-

demnado pelas leis divinas e humanas.

E os poderes publicos não alteram o seu systema de tolerancia perante este novo attentado!

Isto significa muito, porque relembra aquelle dicto do orador romano:—ai do paiz onde as leis se não cumprem!

Se d'estas considerações subirmos a outra ordem de ideias, pergunta-se: que auctoridade pôde imprimir o voto d'estes dois legisladores n'aquelles projectos que o parlamento hade converter em leis?

E com que direito se hade exigir dos povos o respeito por essas leis, exauctoradas já na pessoa de dois individuos que são chamados a colaborar n'ellas?

E fallam em moralidade!

Mas que moralidade é essa que leva dois homens, distinctos pela sua posição, a espadeirarem-se mutuamente fóra do alcance da policia?

Como é possível moralisar-se o povo, onde os que o governam são os primeiros a ferir-o com taes exemplos de demoralisação?

Não proseguiremos no assumpto.

De sobejo está elle tractado, para que alguém ignore ainda o que seja o duello.

Nem o que escrevemos teve outro fim em vista que não fosse o protestar contra esta impudencia com que se dá publicidade a um crime, sem que aquelles a quem cumpre velar pelo cumprimento das leis, se preoccupem com o castigo que elle reclama.

Descubram-se, que é a civilisação que passa!

M. MARINHO.

O convento das Ursulinas

O nosso presado collega «Amigo do Povo», jornal d'esta cidade, no seu n.º 318 escreve em defeza do Snr. Arcebispo, entre outras considerações, o que se segue:

Já o dissemos e o repetiremos ainda, o Snr. Arcebispo, reconhecendo que o edificio do Seminario de S. Pedro não

tinha a capacidade necessaria e as condições precisas para o fim a que era destinado, pediu ao governo que lhe fosse permitida a mudança d'aquelle estabelecimento para o convento das Ursulinas.

Nada pediu para si, nem para a mitra; pediu para a diocese, pediu para bem da educação e instrução do seu clero um edificio do estado, em troca d'outro que era da diocese.

O governo, compenetrando-se da justiça d'aquelle pedido e depois das informações havidas das auctoridades, concedeu dentro dos limites das suas attribuições por portaria de 3 de junho de 1878 o edificio das Ursulinas para o novo Seminario.

O Snr. Arcebispo em vista d'aquella auctorisação mandou tomar posse d'aquelle edificio e das suas pertenças.

Era isto um facto novo, houve alguma illegalidade no proceder do illustre Prelado, os precedentes não mostram que em casos identicos sempre se fez assim?

Sem ir buscar factos muito remotos, nem fóra d'esta cidade, basta que apontemos os seguintes:

Em 1875 o governo concedeu por uma portaria ao asylo de D. Pedro V d'esta cidade o edificio do extincto convento da Penha, com todas as suas alfaías e pertenças. Apesar d'esta concessão só quatro annos depois ter sido legalisada pela lei de 12 de maio de 1879, a direcção do asylo tomou logo posse d'aquelle convento e de todas as suas pertenças.

A direcção de que era presidente o snr. dr. José Maria Rodrigues de Carvalho, fallando a este respeito no seu relatório do anno de 1875 diz assim:

«A direcção fez-se investir na posse administrativa e judicial do convento, e acto continuo arrendou a cerca e a casa do capellão, o que no futuro anno economico ha de produzir uma receita extraordinaria de 114\$500 reis».

Veio por acaso alguém acoimar de illegal aquelle acto da direcção do asylo de D. Pedro V?

Exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum ego feci, ita et vos faciatis.

EV. DE S. JOÃO, XIII, 15.

No estudo e ensino da religião christã ha um livro indispensavel e que não pôde soffrer alteração nem na forma, nem na doutrina sem perder o caracter da sua genuinidade, authenticidade e divindade, que o constitue regra dos costumes e das nossas acções: são as Escripturas e principalmente os santos Evangelhos, que d'ellas fazem parte.

Podem-se fazer sobre ellas muitos commentarios, pôde sobre ellas exercer-se a razão para investigar o seu sentido, para aproveitá-las no ataque, ou na defeza das verdades religiosas, mas o espirito das Escripturas fica sempre.

Se fóra possível tirar este livro do meio da sociedade christã, esta retrogradaia até quasi á barbarie. E com effeito, tirae-o da sociedade, negae, desprezae as suas verdades e que ficará na Europa christã? Na França as ideias da communa; na Hespanha os incendios de Alcoy e Cartagena, na Italia o carbonarismo de Mazzini, na Prussia o socialismo, na Russia o nihilismo; ideias sómente anti-religiosas e quasi todas anti-sociaes ficariam por toda a parte.

Nós, porém, que somos christãos, abra-

Por ventura o seu digno presidente, o snr. dr. José Carvalho, que por vezes tem tido logar no parlamento, e que foi um interregimo e illustrado juiz de direito, ignorava as leis do seu paiz?

Não por certo. A direcção procedeu assim auctorizada pelo governo, que tomou inteira responsabilidade do facto que auctorizou.

Por portaria de 14 de maio do anno passado, o governo depois das devidas informações, concedeu ao collegio da Regeneração d'esta cidade, parte do convento da Conceição, onde ainda existe uma freira.

A direcção d'aquelle estabelecimento tomou immediatamente posse da parte do convento que lhe foi concedida, e mandou logo alli proceder a obras que lá continuam.

Alguem, sollicito propugnador dos interesses da fazenda nacional, veio accusar a illegalidade d'aquella posse e queixar-se da direcção que a tomou e está alli fazendo obras?

Pois a snr.ª viscondessa de Pindella, virtuosa esposa do snr. governador civil d'este districto, que é a presidente d'aquella direcção, podia consentir, que ella intrusamente se apossasse do que lhe não estava concedido definitivamente por uma lei?

Podiamos ainda adduzir outros factos; mas bastam estes para provar a boa fé d'esta e das outras accusações feitas ao Snr. Arcebispo.

Ao governo cumpria fazer boa a concessão do convento das Ursulinas para o novo Seminario.

Não o fez o governo passado, não o fez o actual, nenhuma culpa tem n'isso o Snr. Arcebispo.

Falta nos espaço para proseguir no assumpto. Ficaremos hoje por aqui.

Publicamos hoje um artigo, que nos foi enviado por um respeitavel sacerdote d'este arcebispado em resposta ás arguições, que tem publicado uma meia folha de papel á laia de jornal, como diz

mos este livro no capitulo, em que se descreve a acção edificante, a cerimonia solemne, que acabaes de ver.

O Filho de Deus, depois de ter instituido a Eucharistia e de ter lavado os pés conclue com aquellas palavras: *exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum ego feci, ita et vos faciatis*,—porque vos dei o exemplo, para que, assim como eu vos fiz, assim vós o faaes também.

Na presença de qualquer monumento, ha dois modos de o contemplar: ou pela base até á cúpula, ou pela cúpula até á sua base. Assim, na analyse de qualquer lei, nós podemos considerar: ou o auctor no seu poder, que tem para a constituir, ou o resultado pratico, que ella produz.

N'este dia, pois, em que nós celebramos um grande facto, n'esta hora tão memoravel, em que Jesus Christo nos mandou, que seguíssemos sempre o exemplo, que nos tinha dado, eu analysarei esta lei na sua base e fundamento, na sua auctoridade e em dia igual, se Deus o permittir, eu a considerarei no seu resultado pratico.

Sendo consules Sulpicio Galba e Cornelio Felix, 786 annos da fundação de Roma, na provincia da Judea e na formosa Jerusalem, deu-se um facto universalmente celebrado: pelo *Pae commum*

FOLHETIM

SERMÃO DO MANDATO

PRÉGADO PELO EX.^{mo} E REVD.^{mo} SNR.

Arcebispo Primaz das Hespanhas

Em Quinta-feira Santa de 1880

NA SÉ PRIMAZ DE BRAGA

Trasladámos hoje para as columnas do «Commercio do Minho» o discurso pronunciado pelo sabio e virtuoso Prelado d'esta archidiocese na cerimonia edificante do Lavapedes.

Não o reproduzimos com todas as suas imagens, em todos os seus pensamentos profundos, porque apenas podemos recompor d'alguns apontamentos que tomámos no acto da sua declamação, o que hoje offerecemos aos nossos leitores carissimos.

Falta tambem ao discurso a energia, que o sabio Arcebispo imprimiu na recitação á sua auctorizada palavra; falta-lhe aquelle ouro sobre azul entornado

pela sua figura magestosa de Primaz das Hespanhas, que tanto realce lhe dava quando o escutavamos.

Mas não podemos acabar comnosco e deixar, que as palavras do velho Arcebispo ficassem sómente no recinto da sua cathedral. E' necessario patentear estes exemplos tão dignos da benemerencia de todos os homens e da imitação dos legitimos successores dos Apostolos da Igreja de Jesus Christo.

Estava repleta de ouvintes a vasta cathedral; mais de dois mil fieis estavam anciosos pela palavra do seu Pastor, quando subia ao pulpito o venerando Arcebispo, com essa energia, que elle tantas vezes manifestava nos tempos das suas maiores glorias academicas e de que ainda hoje se recordam com saudade todos os seus contemporaneos.

Parecia, que sómente a ideia, de que subia ao pulpito, remocava aquelle velho de setenta annos.

E todos o escutaram. E todos bem-disseram os momentos, em que receberam em suas intelligencias a luz da verdade e em seu coração a uneção religiosa. Ao vel-o e ouvil-o nos transportámos aos tempos da Igreja, em que os seus mais sabios Bispos subiam a cathedra de oradores christãos.

Eis o discurso:

o «Amigo do Povo», intitulada «Povo de Braga».

Declaramos, que sómente em casos extremos publicaremos escriptos, que por qualquer forma nos sejam enviados em resposta ao tal «Povo» (publicação) de Braga».

Se hoje publicamos um artigo em resposta ao tal papel e que transcrevemos do «Amigo do Povo» é por consideração a este nosso illustrado collega, que se collocou francamente ao nosso lado, na questão, de que espontaneamente nos encarregamos e porque é resposta decisiva a uma accusação grave.

A tal rebaixamento chegou a sociedade actual, que se acham completamente pervertidas as ideias e transbordados todos os principios, que servem de base e fundamento para a felicidade dos povos. A desmoralisação lavra tão fundo, que as virtudes e as acções dignas de louvor, que enobrecem a quem as pratica, são disfiguradas e apontadas perante a opinião publica como actos criminosos e dignos de censura.

Triste mister o d'aquelles, que sendo em tudo reprehensíveis, querem que as acções dos outros, embora boas, sejam niveladas pelas suas.

A imprensa, este tribunal augusto, onde só se devia advogar a causa da virtude, da justiça e do bem, serve tambem de esconderijo, onde se acouta o falsario, que com um cynismo revoltante verbera caracteres impollutos e respeitáveis, esquecido este censor encapotado de que a sua vida talvez seja um sudario de torpezas e indignidades.

Suggero-me estas reflexões a leitura d'um papelucho infame, que começou a ver a luz publica na cidade de Braga, e cujo fim principal é desprestigiar a auctoridade do venerando Prelado da diocese.

Já no parlamento e n'alguns periodicos de Lisboa e Porto tem sido S. Exc.^a Rev.^{ma} accusado d'actos illegaes e prepotentes; mas o auctor de todo este escandalo (que outro nome não tem) não foi nem o jornal do «Commercio» nem o interpellante parlamentar. O iniciador de todas estas infamias, segundo é voz publica, acouta-se dentro dos muros de Braga, e é, para maior vergonha, quem no acto mais solemne de sua vida, prometeu, ao ser elevado a um estado sublime, obediencia, respeito e submissão ao seu Prelado... é um padre!

Pertengo a essa classe e honro-me de pertencer a ella; mas còro de vergonha quando vejo que nas circumstancias criticas que atravessamos, e quando contra o clero se move uma guerra cruel e acintosa, somos os primeiros a fomentar essa guerra, e a pôr nas mãos dos inimigos armas com que nos façam fogo.

Não venho defender S. Exc.^a, nem elle precisa da minha defesa.

A sua vida já longa de pastor da Igreja, o seu character respeitado e venerando, os seus actos dignos e meritorios e o amor e dedicação de todos os seus filhos são argumentos bastante fortes para rebater as infamias, que alguns extraviados lhe assacarem. Não tema S. Exc.^a,

porque a baba immunda do possesso apenas conspura a quem a expectora.

Eu venho apenas levantar um brado d'indignação e manifestar os sentimentos que me dominaram ao lér essas accusações tão banaes e ridiculas, que se dirigem contra o meu Prelado.

Como homem, como catholico, como padre e como parocho, ter-me-ha S. Exc.^a sempre ao seu lado, e na pequena porção do rebanho, que me está confiada, eu farei para que não tenham entrada essas ideias deleterias, com que se pretende desprestigiar a primeira auctoridade ecclesiastica da diocese.

Espíritos obsecallos, que não conhecem ou esquecem o mal que estão fazendo á sociedade e a si proprios! Fomentem a revolta, desprestigiem a auctoridade, destruam o respeito, a submissão e a obediencia, e esperem pela communa, que as sementes estão lançadas. Mas que digo? Talvez seja esse o estado appetecido de muita gente; talvez aquillo que a mim me horrorisa seja o sonho dourado d'aquelles, que se inculcam como os defensores da honra e da dignidade ultrajada. Assim o parece.

N'esse pamphleto a que me venho referindo, assim como n'outros jornaes ejusdem furfuris, e na interpellação do parlamento, dirigem-se a S. Exc.^a Rev.^{ma} varias accusações, em cuja analyse eu não entro, porque apesar de conhecer a paixão e odio com que são formuladas, faltam-me dados para lhe poder responder.

Entre ellas, porém, destaca-se uma que bem mostra o rancor e desejo satânico d'accusar S. Exc.^a. E' esta a da transferencia da ultima freira que existia no convento do Collegio para o do Salvador.

Oh! que lagrimas sentidas não vertem esses defensores dos institutos religiosos! Oh! que dôr os não alanceia por ver mudar de casa um habitador de conventos!

Oh! que crime nefando commetteu S. Exc.^a, pedindo á ultima freira d'um convento que para se fazer uma obra de reconhecida utilidade, se mudasse para outro, onde teria aposentos bem mais commodos, do que onde vivia! *Credite posteri!*

Só o Arcebispo de Braga praticou este crime; só o Primaz das Hespanhas violou a clausura, e fez com que uma freira viva n'um convento, embora não o seu, com as mesmas ou talvez mais commodidades do que vivia até alli!

Cynismo revoltante! hypocrisia requintada!

Aquelles que com um furor vandalico expulsaram os frades, e reduziram a um montão de ruínas esses monumentos admiráveis, onde se albergava a virtude e a sciencia, e que ainda hoje, ao contemplarem-se, fazem chorar o coração de saudades—os conventos, expulsando violentamente seus legitimos possuidores, dando-lhe em compensação a liberdade de pedir esmola; são esses mesmos que se arvoram em accusadores de S. Exc.^a por transferir uma freira d'um convento para outro!

viessse formar escola em Roma, ou Athenas? Não era.

Mas era mais, que qualquer d'estes personagens. Quem era, pois, esse homem, que não tem igual na carreira do seculo?

Senhores! na presença d'um povo tão sinceramente christão, no meio d'este povo não ha necessidade de pronunciar o seu nome. Perdoae-me, se faço injuria, dizendo-vos, que era o Filho de Deus, Deus Elle mesmo, feito homem, que nos deu este exemplo.

E quem, se não elle, podia dar esse preceito, quem, se não elle, que provocava os seus inimigos dizendo-lhes *quis ex vobis arguet me de peccato?*

Só Elle é que podia ser o exemplo dos costumes e só Elle é que poderia impor este preceito ao homem christão.

Era tambem o Mestre da vida moral—*vos vocatis me Magister et benedicitis, sum etenim*—vós me chamais Mestre e eu o sou; e se era Mestre, não deveriam seus discipulos seguir o seu exemplo?

Ainda mais: *vos vocatis me Domine et benedicitis, sum etenim*—dizeis vós, que eu sou Senhor, dizeis bem, porque eu o sou. Era, na verdade, o Senhor do céu e da terra, dos corpos e das almas e que podia no mundo conceder a paz a todos.

E o servo não estará obrigado a seguir o exemplo do Senhor, que lh'o tem

Tal é a sua boa fé e o seu amor pela clausura.

Tristes tempos, em que se conculcam e postergam os mais legitimos direitos, e se faz tanto arruido só com o fim de macular a reputação de um principe da Igreja, allegando-se como fundamento de estas accusações a violação da justiça e invasão da propriedade alheia!

Não se vê a trave no olho proprio, mas vê-se o atomo no do visinho.

O parocho—Fonseca Martins.

D. Miguel em Lisboa.

O «Commercio de Portugal», que se tem distinguido pela elevação dos sentimentos, que lhe tem inspirado este acontecimento, publicou o seguinte:

«Para dar ideia da educação portugueza dada a D. Miguel de Bragança, pelo sabio Gomes de Abreu e o amor que desde creança consagrara a Portugal, reproduzimos aqui a noticia de um facto que se deu em Bronnbach, quando o principe era muito novo ainda. Como se sabe as illustres familias miguelistas de Portugal costumam fazer-se representar nas festas da familia proscripta. N'uma d'essas occasiões um illustre portuguez que nós todos respeitamos pelos seus talentos e pelo seu character, o snr. Antonio Pereira da Cunha, estando em Bronnbach resolvera partir no dia seguinte para Portugal. Depois de se despedir de D. Miguel, que ainda vivia, o illustre portuguez dirigiu-se ao gabinete de Gomes de Abreu. O principe estava alli.

—O que quer vossa alteza para o reino? perguntou o esclarecido portuguez.

—Lembranças aos portuguezes, respondeu a creança, com o accento de uma espontaneidade sincera.

—Mas só para os seus amigos, que os outros...

—Não. Para os portuguezes todos, interrompeu D. Miguel de Bragança.

Gomes d'Abreu abraçou o discipulo e n'estas palavras viu que começaram a produzir-se os resultados da sua educação sinceramente portugueza.

Foi, pois, esta creança, que ha quasi vinte annos mandava lembranças aos portuguezes todos, que agora veio provar que lhe não esquecera o abraço do seu mestre. Não é crime que um principe descendente de principes portuguezes ame e bemqueira Portugal. Nós respeitamos o muito porisso, dar-lhe-hemos sempre a mais affavel e distincta acolhida. Mas se algum dia o principe tentasse, o que é impossivel, restauração ominosa, seriamos dos primeiros a combater como um só homem o principio que quizesse combater e vencer o nosso principio.» (1)

(1) Podemos assegurar ao «Commercio de Portugal», que nem o Senhor D. Miguel daria um passo para restauração ominosa, nem acharia para essa um só auxiliar de valia entre miguelistas.

Agora uma restauração, como aquella,

dado e recommendado? Certamente, que tinha poder para impor-nos este preceito, para nos dar este novo mandamento, de onde esta cerimonia tira o nome de *mandato*.

E não somos nós christãos? não estamos aqui reunidos, para celebrar este mysterio da religião christã e como seremos christãos, e porque é que celebramos este facto, se não formos discipulos de Jesus Christo? e como poderemos chamar-nos discipulos sem imitar a sua lei e preceito, a sua vida e o seu ensino? Tendes vós algumas vezes reflectido n'esta verdade; tem ella feito objecto das vossas meditações?

Ninguém pôde ser chamado verdadeiro christão, senão o que obedece a Christo, disse S. Cypriano; nunca eu poderei ser chamado verdadeiro christão, senão seguir Jesus Christo, disse S. Agostinho.

Não disse, porventura, Jesus Christo, que era Elle o caminho, a verdade e a vida? e tereis todos caminhado por esta estrada, que é a da bemaventurança? Tendes vós meditado n'esta verdade terrivel—não seguir o exemplo de Jesus Christo?

Quando virmos approximar o julgamento d'Aquella, que é sempre justo, como será terrivel esta consideração? Quando na hora da morte o crucifixo for approxinado dos nossos labios, quanto não será terrivel

Podemos acrescentar, que não só as ideias, os generosos sentimentos, as patrioticas aspirações de Gomes d'Abreu eram completamente accetites d'aquelle, que o povo portuguez chamou Dom Miguel I, senão que todas essas ficaram em querida herança á Augusta Companheira do Rei, exilado, a qual, já portugueza de coração, por sentimento e por bem conhecida illustração soube perfeitamente transmittir a preciosa herança aos que tão esplendidamente vão provando sabel-a accetitar.

indicada em nosso artigo de domingo, não cremos que podesse ter opposição da parte de nenhum portuguez, que ponha o bem do paiz acima de quaesquer mais ou menos injustas e irreflectidas aver-sões.

GAZETILHA

PREVENÇÃO AOS NOSSOS SIGNANTES

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que TODA a correspondencia deve ser dirigida unicamente

A' Administração do Commercio do Minho.

Corrigenda.—Em o n.º anterior saíram as seguintes erratas:

Pag. 1.ª, col. 2.ª: como diz Gioberti, deve lér-se: como se diz de Gioberti.

Idem, col. 4.ª: tambem principiumos; deve lér-se: publicamos.

Pag. 3.ª, col. 1.ª: arcepreste que; deve lér-se: arcepreste.

O **Snr. Arcebispo Primaz e os seus inimigos.**—Não damos hoje artigo com esta epigraphe por falta de espaço.

Chronica Religiosa.—Hoje:—Exposição do Santissimo na igreja do Carmo.

A'manhã: Exposição do Santissimo na igreja das Thezasas.

Começa a Nôvena de N. Senhora de Guadalupe.

Romarias.—No proximo domingo faz-se a romaria de S. Gregorio, no monte d'esta denominação, nos arrabaldes da cidade.

—A que teve lugar na segunda feira em Santo Adrião esteve muito concorrida, reinando sempre o maior socego.

Sermão da Soledade.—Foi este anno extraordinariamente numeroso o curso de fieis que affluia á Cathedral para escutar o sermão da Soledade. Foi este pregado por Monsenhor Rebello de Menezes. Cremos que não ha ninguem n'esta cidade que não tenha ouvido a palavra verdadeiramente evangelica d'este distincto orador; escusamos pois dizer o modo como se exc.^a se houve.

Associação Catholica.—Realisou-se na casa da Associação Catholica d'esta cidade a academia annunciada para o dia 28 de março a qual por justos motivos ficou transferida para o dia immediato.

ao considerarmos, que não temos imitado a Jesus Christo; quanto não será doloroso, que o crucifixo, devendo ser motivo de consolações, seja motivo da desesperação?

Exclamaremos então: oh, meu Deus, meu Deus; eu confesso, que vos não tenho seguido; e poderei eu reinar com vosco na eternidade? Bem sei, que a vossa misericórdia é infinita; mas a vossa justiça?

Consideração terrivel para quem ainda não renegou a sua crença!

Senhores! eu não tenho feito estas reflexões para vos confundir, mas sómente, como Pastor, para dirigir vossos passos no caminho da virtude e da verdade. Jesus Christo é quem nos consola em todas as tribulações, e Elle, que perdoou a mulher adúltera e arrependida, que em Damasco converteu a Paulo, que já sobre a cruz, orou pelos algozes, tambem nos perdoará, se imitarmos e seguirmos o seu exemplo.

Perdoae Deus no céu ao peccador; Jesus Christo na terra á peccadora; o rei perdoae aos seus vassallos.

Perdoemos tambem nós todos aos nossos inimigos; perdoemos do coração aos inimigos, para que estes nos perdoem.

Perdoemos.

de todos os fieis em Roma; pelos Patriarchas de Jerusalem, Antiochia, Alexandria e de Constantinopla, por muitos bispos em suas dioceses, por muitos principes christãos e tambem pelo czar de todas as Russias.

Este facto tão solemne foi praticado ha 19 seculos por um homem, que tendo convidado alguns dos seus discipulos mais da sua particular estima e tendo-lhes lavado os pés, lhes dirigiu esta exortação: sabeis vós qual é a importancia, o alcance da acção, que acabei de praticar? *scitis quid fecerim vobis? Vos vocatis me Magister et benedicitis, sum etenim*; vós me chamais Mestre e dizeis bem, porque eu o sou effectivamente, e se eu sou vosso Mestre, segui e praticae o que eu fiz.

Quem era este homem, que dirigia a seus discipulos estas palavras ainda hoje repetidas? quem era este homem, cujo exemplo ainda hoje é seguido geralmente por todos os crentes de boa vontade, que querem viver á sombra da bandeira hasteada no Golgotha? Quem era este homem, tão combatido em sua doutrina e objecto dos odios dos sacerdotes do paganismo e do judaismo? Quem era este homem? Era porventura um rei no esplendor da sua gloria, algum guerreiro ou conquistador famoso da Judea tão turbulenta sempre, algum Crespo repleto de ouro corruptor, ou grande philosopho, que

Depois de recitadas as orações que marca o Estatuto, abriu a sessão o exm.^o sr. dr. Messias Fragozo, dignissimo secretario da Direcção, no impedimento do exm.^o sr. dr. Malheiro.

Em seguida subiu ao estrado o exm.^o sr. dr. Manoel d'Albuquerque, o qual pronunciou um excellentissimo discurso, tomando para assumpto as difficuldades, que actualmente oppõem á verdade historica e philosophica da Resurreição de N. S. Jesus Christo.

Depois d'um curto intervallo, um menino, aluano da escola primaria, pela Associação instituida, Antonio Alves Pereira Brandão, recitou com muito mimo e correção a poesia *Stabat Mater* do nosso grande lyrico João de Lemos.

Foi em seguida encerrada a sessão pelo sr. dr. Fragozo.

Novo romance. — Recebemos antehontem, das mãos do seu auctor o sr. J. M. de Moraes Sarmiento, o romance *Os Miseraveis*, recentemente saído do prelo, no Porto.

E' com as melhores disposições d'animo para com o sr. Moraes Sarmiento, que nos pareceu moço estimavel e distincto, que vamos ler este volume, sobre o qual diremos a nossa desautorizada opinião.

De novo agradecemos ao sr. Moraes Sarmiento a fineza da offerta delicadissima do seu livro.

O romance constitue um volume de 120 paginas, e custa 500 reis.

Farpas Modernas. — Com este titulo recebemos um panfleto, n.º 1 d'uma chronica mensal da politica, das letras e dos costumes. Assim o diz o frontispicio.

Firma-o um tal Gerio Vaz, que não temos a honra de conhecer.

Basta o seguinte: — pretende guindar ás nuvens a celebre princeza Rattazzi e Theophilo Braga, e vomita sapos e lagartos a respeito do nosso grande escriptor Camillo Castello Branco.

Arredal!

Monumento da Immaculada Conceição, no monte Sameiro, subúrbios de Braga. — A commissão administradora das obras d'este piedoso monumento, tendo resolvido activar o mais possivel o acabamento do templo que se acha em construcção n'aquelle local para onde deverá ser proximoamente conduzida a formosa Imagem da SS. Virgem, ha pouco chegada de Roma, onde foi abençoada e enriquecida de muitissimas graças espirituaes pelo immortal Pio IX, encarregou um habil constructor dos trabalhos necessarios, e espera que por todo o proximo mez de julho fique concluida a capella mór do mesmo templo podendo alli ser solememente collocada a Sagrada Imagem no mez d'agosto d'este anno.

Para isto estão empregados mais de cincuenta operarios fazendo uma despesa superior a quinhentos mil reis mensaes. E' porém certo que a commissão não tem redditos alguns para custear esta immensa despesa, que até hoje tem feito com muitissimo sacrificio e apenas ajudada com a piedade e devoção dos fieis e adiantamentos gratuitos a que se tem prestado pessoas devotas.

Resolve pois fazer um appello a todos os portuguezes, pedindo-lhes o auxilio de suas esmolas para ajudar o custeamento das despesas d'este monumento verdadeiramente nacional, pois que é erigido em honra da gloriosa Padroeira d'este reino fidelissimo.

Eia, pois, fieis portuguezes, que o mundo diga que ainda entre nós existe forte e inquebrantavel a fé e as crenças piedosas de nossos maiores!

Um pequeno sacrificio de todos, e teremos o gosto de ver erigido na mais bella das nossas provincias e n'uma das suas mais pittorescas montanhas, onde o coração humano se sente desprendido da terra e enlevado aos ceus, um testemunho perenne da nossa fé e esperança.

A commissão aceita toda a qualidade de donativos como dinheiro, madeiras e objectos proprios para o culto e decoração do templo, ou prendas, as quaes serão vendidas em basar.

Recebe em Braga o thesoureiro da commissão Antonio José Vieira Machado, praça Municipal, n.º 17 — no Porto, Antonio Xavier Lourenço da Costa, rua das Flores, n.º 59 a 63 — em Lisboa, Miguel Ferreira de Lacerda, ao Chiado, n.º 58 e 60.

Pedido. — Chama-se a attenção das almas bemfazejas para a humanitaria e pia instituição da conferencia de S. Vicente de Paulo.

Em nome d'esta piedosa conferencia

pedimos aos religiosos moradores d'esta cidade a esmola de alguma roupa de cama e de vestir, para os indigentes que aquella conferencia soccorre.

Accepta-se e agradece-se em qualquer setado que essa roupa venha; no largo de S. Miguel-o-Anjo, n.º 14 em casa de Manoel Ignacio da Silva Braga.

SECÇÃO DE COMUNICADOS

Uma advertencia ao sr. C. C. B.

Quem lesse os «Echos Humorísticos do Minho», escriptos pelo illustre litterato portuguez, sem conhecê-lo d'antemão e formar d'elle exacto conceito, não ficaria tomado de surpresa com a conclusão d'essa pagina de litteratura, em que a frivolidade de um gracejo vulgarissimo, repetido á saciedade, desafia a gargalhada aos galhofeiros, mas sómente consegue provocar um leve sorriso dos leitores sérios e sensatos.

Porém eu que faço justiça ao talento do festejado romancista, admiro muito mais a profundidade da queda litteraria, do que a impetuosidade do furacão que arrebatou o mirante da casa do livreiro bracarense Germano Barreto.

Este bom homem tão chão quanto honrado e laborioso, que antes de ser commemorado nos «Echos Humorísticos», do sr. C. C. B. já havia fallecido, legando á sua viuva e filhos o parco fructo das economias de honroso trabalho, e um nome humilde, mas sem macula, tivera a dita de gozar em vida das boas graças e attensões do auctor da satyra posthuma, a quem muitas vezes guindou ás alturas de sua humilde habitação, sem marear lhe o brilho litterario.

Ahi naturalmente o sr. C. C. B. teria então alegrado o coração ao singelo provinciano, sentando-se á sua modesta meza: procedimento este honroso e meritório, que jámais deveria querer contrastar com a critica hyperbolica e chilra que nos seus *Echos Humorísticos d'além tumulo* fez a respeito do vicio de pronuncia do finado livreiro Germano Barreto.

O nobre sentimento de gratidão e o respeito devido á ancianidade, cuja violação nem ao menos pôde ser attenuada pela ignorancia, quando quem a pratica é um escriptor bem conhecido, estão apontando ao sr. C. C. B. estas palavras do Lev.: «Levanta-te diante dos que tem a cabeça cheia de cans e honra á pessoa do velho.»

A puerilidade do gracejo sobresahe á gravidade da offensa para ainda mais castigá-lo com o ridiculo.

Com effeito, diga nos o sr. C. C. B. se na sua provincia todos são illustrados e tem boa e correcta pronunciação?

S. s. mesmo, que faria melhor em diffundir por todo o reino, nomeadamente n'aquelle provincia, um dictionario de pronuncia, escapou talvez de contrahir o defeito gentilico por ter tido o privilegio singular de nascer romancista consummado.

E' preciso que a litteratura seja um pouco séria, prese as affeições e respeite a lei divina, do contrario não passará de cousa vã; porque sómente «sabindo da vaidade litteraria é que se entra nas profundezas de Deus», como diz o Psalmista.

Eis as palavras que entende de seu imperioso dever publicar, como um protesto, contra a offensa levemente feita á memoria do livreiro Germano Barreto.

(165)

Um bracarense.

A's almas bemfazejas. — Pede-se por caridade uma esmola para o infeliz José Maria, morador defronte da capella de S. Miguel-o-Anjo, casa n.º 3, empregado que foi no Seminario de S. Caetano, e hoje se acha paralitico sem poder articular palavra, e impossibilitado de todo o trabalho.

A' caridade publica. — Recomendamos muito e muito ás pessoas caritativas Leonardo da Silva Guimarães. O seu estado de penuria é extremamente doloroso. Pedimos que pelo amor de Deus, se lembrem de o socorrer. Mora na rua dos Sapateiros, n.º 24.

A' caridade publica. — Indigitamos á caridade publica Antonio Rodrigues, solteiro, morador na rua das Palhoas, n.º 15, o qual se acha doentissimo e na miseria extrema.

A' caridade publica. — Muito recommendamos ás pessoas caridosas o infeliz Antonio Marques da Costa, morador na rua de S. Miguel-o-Anjo, casa n.º 4, 3.º andar, que se acha na maior necessidade e doente, vivendo só da caridade das pessoas que o soccorrem com alguma esmola.

A' caridade publica. — Recomendamos á caridade dos bemfeitores Antonia Maria, viuva, moradora na rua Nova das Carvalheiras, n.º 6, a qual se acha não só impossibilitada de trabalhar, mas com tres filhos ainda creanças.

A's almas caritativas. — Recomendamos e muito ás pessoas caritativas a desventurada Maria José da Silva, moradora na rua da Escoura, n.º 19. Vive em extrema penuria, e padece de doença incuravel.

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados agradecem por este meio, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, a todas as pessoas de sua amizade e relações que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de sua esposa, irmã e prima, Antonia Maria da Costa Lopes. A todas se confessam summamente reconhecidos.

Braga 30 de março de 1880.

Antonio Gonçalves Vieira.

Antonio da Costa Lopes.

P.º João José Vaz da Costa Amorim.

(164)

Os abaixo assignados, filhos, nora e genro do fallecido José Joaquim Lamego, não podendo agradecer pessoalmente a todas as pessoas que os obsequiaram por occasião do enterro do mesmo, o fazem por este meio, protestando o sua gratidão immorredora.

Custodio José Maria Lamego.

Elvira Adelaide Sophia Lamego.

Luiza Maria das Angustias Lamego.

Maria da Conceição Pereira Braga.

Bernabé da Costa. (166)

ANNUNCIOS

ZACHARIAS DA SILVA

Com deposito de enxofre de primeira qualidade, moído em pó fino, no campo da Feira, d'esta cidade. Vende-se por 500 reis a arroba, 14,688 gr. (163)

Collegio de Nossa Senhora da Conceição, de Penafiel

Este collegio, em que se ensinam todas as materias preparatorias, tem por fim facilitar aos paes de familia a instrucção e educação religiosa de seus filhos.

Admitte alumnos internos de 6 a 14 annos.

PREÇOS

Instrução Primaria. 60\$500

Todas as mais linguas e sciencias 75\$000

Este collegio já o anno passado mandou alguns alumnos a exame, os quaes ficaram approvados.

O director d'este collegio pede a todos os paes de familia, que aqui tem seus filhos, o distincto obsequio de vir a este collegio no dia 16 de abril, porque tem de haver aqui exames publicos para se deliberar quaes são os meninos que tem de fazer exame d'Instrução Primaria na presente epocha.

Penafiel, 21 de março de 1880.

O director

Henrique de Carvalho.

SELECTA

POR

Pereira da Cunha

Acha-se á venda n'esta cidade na vestimentaria Rocha, rua do Souto.

CAMPOS & BRANDÃO

SUCCESSORES DO CACHAPUZ

Receberam grande sortido de ferragens nacionaes e estrangeiras, bem assim:

Armas e rewolvers de superior qualidade.

Camas de ferro modernas.

Ferros d'engomar, do melhor systema.

Bacias estanhadas, de todos os tamanhos.

Cannas da india, para bengalas.

Cosinhas de ferro.

Goma estrangeira, a melhor até hoje conhecida.

Preços sem competencia. (142)

A EGREJA CATHOLICA ROMANA E OS SEUS PERSEGUIDORES

Crises principaes porque ha passado a Igreja. Seus triumphos. Castigos de seus inimigos.

Por D. Miguel Sotto-Mayor

Um elegante vol. de 190 p. 500 rs.

A RELIGIÃO ENSINA AOS MENINOS

Por Mgr. de Ségur

TRADUZIDO EM VULGAR POR

D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

3.ª edição muito correcta e augmentada

E' um volumezinho nitidamente impresso, e que em 96 paginas que contém encerra a Doutrina Christã explicada com toda a clareza e ao alcance de todas as intelligencias, tornando-se porisso recommendavel para a mocidade.

Preço 120 rs.

Para os snrs. Professores, Parochos e Juntas de Parochia que comprarem porção de exemplares, faz-se bom desconto.

CARTILHA OU COMPENDIO

DA

DOCTRINA CHRISTA

POR

Antonio José de Mesquita Pimentel

Bacharel formado pela Universidade de Coimbra, Abade de Salamonde no arcebispado de Braga.—5.ª edição muito augmentada.

E' a mais completa de todas as edições que até hoje se tem publicado, tendo porisso merecido a approvação do exm.^o e rev.^o sr. D. José Arcebispo Primaz, e em.^o D. Americo Cardeal Bispo do Porto.

Contém 278 paginas e custa 120 reis encadernada. Qualquer d'estas obras se envia franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas de 25 reis, á livraria dos editores.

VIUVA JACINTHO SILVA & C.ª

134, Rua do Almada 138—Porto.

N'esta livraria também se encontra um vasto e selecto sortimento de livros religiosos, estampas, medalhões religiosos, crucifixos, etc. etc.

O PROGRESSO MODERNO

E O

COMPADRE CATURRA

OU

UMA PALESTRA AO CAHIR DA TARDE

POR

CORNELIO ARGUS.

Preço. 80 réis.

CATHOLISMO DE CONVERSISTAS

CONTRA OS PROTISTANTES

E' outros inimigos da Religião e da Igreja

PELO

DR. D. JOÃO GONZALEZ

TRADUÇÃO DE

A. MOREIRA BELLO.

Com permissão do ex.^{mo} Cardeal Bispo do Porto

Preço. 160 réis.

Ambas estas obras se vendem no escriptorio da administração da typographia d'este jornal.

